Maré solta

JOÃO LANARI

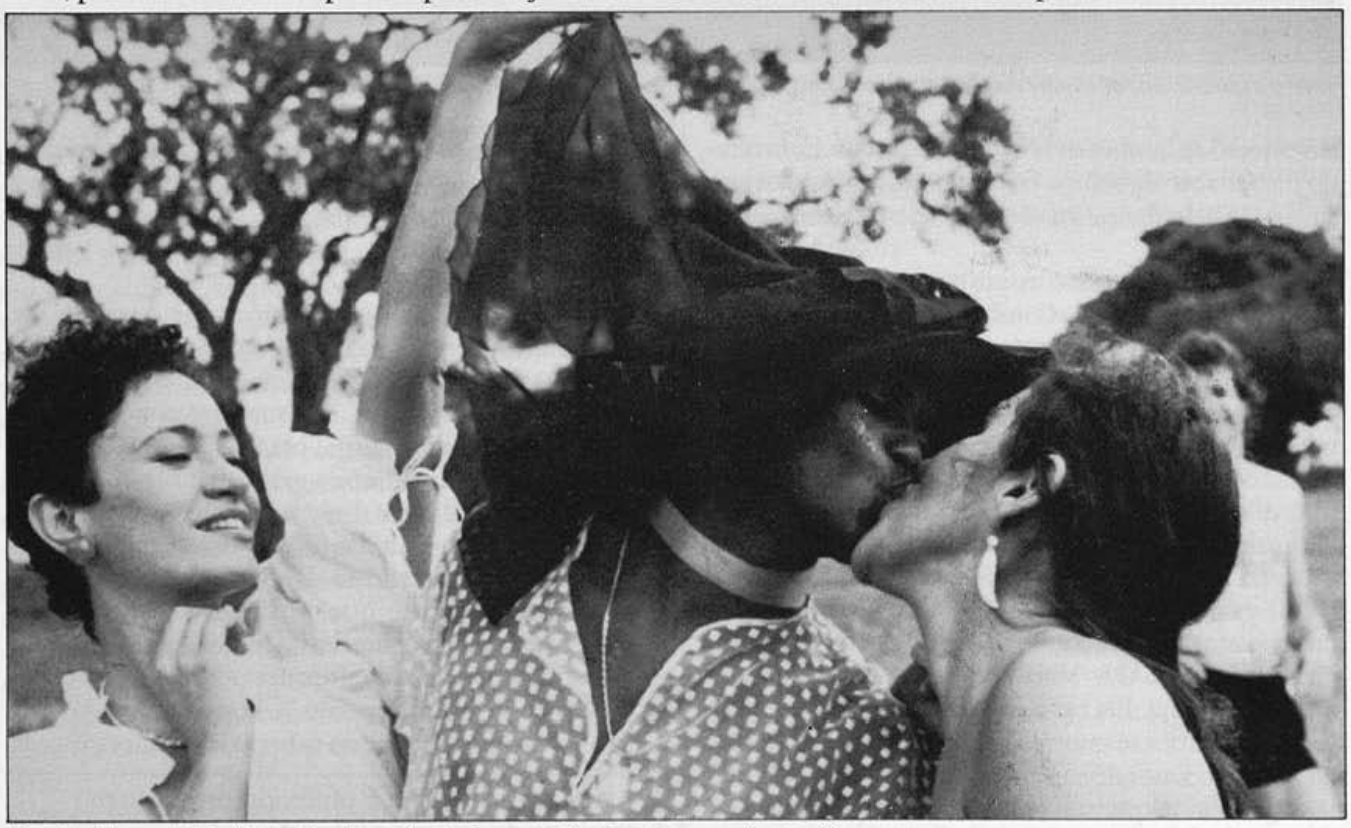
Onda Nova — *Direção, Argumento e Roteiro: Zé Antonio Garcia e Ícaro Martins. Fotografia e Câmera: Antonio Meliande. Diretor de Produção: Felix Haidar. Cenografia e Figurinos: Cristina Mutarelli. Montagem: Eder Azevedo Mazini. Música: Luís Lopes. Som: Álamo. Elenco: Carla Camuratti, Tania Alves, Regina Casé, Enio Gonçalves, Cristina Mutarelli, Sergio Hingst, Luiz Carlos Braga, Cida Moreyra. Produção e Distribuição: Olympus Filmes Ltda. Duração: 1h38. 1983.*

A primeira reação perante *Onda Nova* é o mal-estar da narrativa; estilhaçada, descontrolada, mas curiosamente realista, a linguagem corre solta, deixando inúmeros espaços para o espectador. Aqui, como nas novelas, prevalece um certo tipo de representação naturalista, com limites mais elásticos, em termos de moral e bons costumes, do que a TV.

Afinal, o próprio tema já é um tanto dispersivo; mazelas de um time de futebol feminino. No país do futebol, instância privilegiada da virilidade masculina, narrar os conflitos e soluções de um grupo de jovens em torno de uma equipe desse porte é no mínimo uma tentativa insólita. O resultado assemelha-se a uma implosão moralista; decodificação da moral sexual em vigor pela simples inversão de posições, saem os homens e entram as mulheres. Se pensarmos sociologicamente, trata-se sem dúvida de um grupo com uma identidade pouco habitual, onde são forjadas individualidades às avessas num tempo social absolutamente banal.

O filme, entretanto, não se esgota na simples inversão: tampouco, é bom lembrar, constitui-se num libelo de minorias sexuais. Ao contrário, vive-se a atração adolescente das diferenças com bastante intensidade, e se surgem insinuações ou algo mais a narrativa se encarrega de absorver. Ou seja, o que é de fato imoral, e que pretende eliminar nosso juízo no que ele tem de preconceituoso, é muito mais a ausência de elos causais na organização da linguagem do que posições *a priori* sobre assuntos dessa ordem.

Esse, o maior mérito da fita. Nela não existe o narrador das decupagens tradicionais, que posiciona a câmera e enquadra dentro de limites rígidos, inaugurando cada bloco narrativo com planos fechados e asfixian-



Tania Alves, Wladimir, Regina Casé: inventário da juventude paulista.

tes, na ânsia de emprestar ao objeto filmado uma autonomia no desenvolvimento da trama. Não, em *Onda Nova* as seqüências já trazem em seu próprio processo construtivo o vírus da dispersão, o mesmo que ronda perigosamente a consciência moral. Não há, como em outros filmes, a sensação de claustrofobia que resta quando vemos ordenados por parâmetros inflexíveis e reduzidos. O que talvez contribua para dispersar a atenção em determinados momentos, ou frustrar expectativas em outros, mas que tende a evitar a canalização da leitura em uma operação lógica estrita e causal, o que provoca inevitáveis repercussões na recepção da temática.

Mas *Onda Nova* é, também, realista. Há deliberadamente a intenção de estabelecer um devir, um fluxo temporal que age sobre pessoas e objetos, e que remete ao cotidiano. É nesse sentido que se aproxima das novelas globais, na medida em que estas tencionam, por meio de uma dramaturgia voltada sobretudo para representações da rotina (jantar em família, escritórios, etc.), manter-se o mais próximo possível do conjunto de realidades de sua audiência. Os corpos falam uma linguagem simples e espontânea, e o real é reorganizado com gestos e comportamentos facilmente identificáveis. O filme, entretanto, também trabalha sobre a apropriação que executa em cima dos truques novelescos, introduzindo pausas, fragmentações e mesmo alguns exercícios de dramaturgia fora do contexto, terminando por deslocar a chamada atualização simbólica, típica operação da TV, para uma posição invertida.

Trata-se, em suma, de um inventário do comportamento da juventude paulista. Dotado de uma continuidade permissiva à criação de zonas vazias por parte do espectador, tal inventário traduz em última análise a tensão entre o que é vivido e a maneira como está sendo contado. O que não deixa de guardar alguma semelhança com a racionalidade do juízo moral, hesitante e descontínua. O suicídio final, de uma gratuidade tão radical que supõe que pessimismo e alienação inexistem de fato para as novas gerações, suspende tragicamente a narração, aniquilando o devir pelo sacrifício. Ao contrário de *Blade Runner*, cuja câmera angustia-se por não olhar seu outro, tal como um adolescente com medo da própria sombra, em *Onda Nova* não existe esse desconhecido que atemoriza por detrás de quinas e esquinas. Se no filme de Scott Ridley a paranóia termina na catarse de revelação do outro, após uma perseguição impecável dentro da gramática clássica, na película brasileira a catarse é uma sensação de dispersão, de confluências, de encontros e desencontros que se perdem na entropia das imagens.

JOÃO LANARI é diplomata, cineasta, professor e crítico de cinema

---

Mundo surreal

JOSÉ SANZ

Bete Balanço — *Direção, Argumento, Montagem e Direção Musical: Lael Rodrigues. Roteiro: Lael Rodrigues e Yoya Wurch. Fotografia: Edgar Moura. Produtor Executivo: Cacá Diniz. Diretor de Produção: Walter Schilke. Cenografia e Figurinos: Yurika Yamasaki. Elenco: Débora Bloch, Lauro Corona, Diogo Vilela, Maria Zilda, Hugo Carvana. Produção: CPC – Tizuka Yamasaki/Cacá Diniz. Distribuição: Embrafilme. Duração: 1h11. 1984.*

Às primeiras imagens, sentimos imediatamente que não vamos assistir a um filme rotineiro, com as indecisões ou excessos de preciosismo que caracterizam as realizações de diretores estreantes, não obstante as experiências que tenham (exceto a de dirigir) no decorrer de sua carreira, incluindo-se nelas a realização de filmes curtos.

O universo do filme curto é inteiramente outro. A direção de um curta-metragem está para a de um filme longo como um motoqueiro para a corrida de Fórmula 1. Mesmo a experiência de assistente de direção, pouco contribui para um domínio do campo. Por qualquer mistério da complicada arte de fazer filmes, parece ser a sala de montagem o lugar mais adequado para formar a base técnica e estética que suportará a iniciação à direção cinematográfica. Aí estão os Robert Wise e Alain Resnais da vida para confirmarem. A assistência de direção, segundo a amarga experiência de Louis Malle, serve apenas para habilitar o candidato a buscar café para o diretor na hora devida.

Confirmando a regra, o montador Lael — diretor de *Bete Balanço* — sem se deixar dominar pelo cinema rotineiro realizado pela maioria dos cineastas brasileiros, partiu por uma estrada independente e marginal, se propondo a contar uma estória com recursos e visão próprios, longe não só da linguagem linear como também — e principalmente — da cinemanovista "uma câmera na mão e uma idéia na cabeça", com a conseqüente fotografia descuidada — por que não dizer suja? — e a montagem que mais parecia um alinhavo que uma costura artística.